

TRIVIAL VARIADO
RUBEM BRAGA

1262
A angústia do Natal

Minha amiga trabalha em uma conhecida e elegantíssima *boutique* de Copacabana. Ela me avisa que este ano as vendas estão fracas. A esta altura de dezembro era para a casa estar faturando muito mais. Senhoras que todo ano vão lá comprar presentes aparecem com verbas menores escolhendo presentes mais baratos. Encontro na Avenida N. S. de Copacabana outra amiga, que me diz estar sofrendo da angústia de Natal. Essa angústia é em parte financeira, em parte emocional: a quem dar o que de presente?

Dou-lhe um conselho um tanto interessado, mas bom: dê livros.

Um amigo escreveu um conto. Outro, que o leu, ficou espantado: uma figura de mulher que aparece ali é, com uma precisão lancinante, o retrato de uma senhora nossa conhecida. Muito bela e cheia de encantos, mas que nós todos tratamos com o maior respeito.

Como sei que o conto é escrito na primeira pessoa, pergunto ao autor:

— E no conto acontece alguma coisa entre você e ela?

Ele responde que sim, acontece tudo:

— Se não, para que eu ia escrever o conto?

Então tenho uma súbita desconfiança e faço a pergunta indiscreta, brutal:

— Mas, na verdade, aconteceu mesmo isso?

— Claro que não, não aconteceu nada. Se tí-

vesse havido mesmo alguma coisa você acha que eu ia escrever um conto?

Enfim, eis um conceito de literatura.

Idade ingrata

Escrevi ontem uma carta muito sincera, deixando vir à tona tudo o que ia sentindo, sem me importar com o que fôsse. Escrevi uma carta para dizer uma porção de sentimentos confusos que eu mesmo não sabia que estavam dentro de mim. Em resumo, escrevi uma carta insensata.

Antes de mandar a carta, reli-a. Nem aos 15 anos eu seria capaz de escrever uma coisa tão mal escrita, com adjetivos tão atabalhoados, imagens tão vulgares, estilo tão comoventemente ridículo. Mandei a carta assim mesmo; ontem eu estava fazendo precisamente 14 anos de idade.